

PSICOLOGIA, DESENVOLVIMENTO E POLÍTICAS PÚBLICAS

CLÍNICA

- O conflito de papéis e o psiquismo feminino

Mariane Menezes Roldan
Hélio Alves (orientador)

O conflito de papéis e o psiquismo feminino

Mariane Menezes Roldan

Helio Alves (orientador)

RESUMO

A mulher de hoje conquistou a liberdade, tem uma profissão e possui sua própria família, o que inclui uma dinâmica ininterrupta de cuidados diários relacionados à vida privada e aos filhos. As mulheres da época de Sigmund Freud (1856-1939), que eram chamadas de "histéricas", eram assim denominadas devido às suas condições psíquicas, que, após estudos e pesquisas, o próprio autor relacionou à repressão. Atualmente, a mulher, apesar de ter avançado bastante em sua conquista social e familiar, continua a sofrer repressões impostas pelo seu estilo de vida, o que pode gerar o conflito de papéis. Lembrando que seu papel atual é por ela escolhido e levando em consideração que as escolhas são inconscientes, se a mulher não se identifica com seus papéis social e familiar, pode ter sua saúde mental comprometida. Esta é uma pesquisa exploratória bibliográfica, com utilização do construto teórico conforme Sigmund Freud e tem como objetivos compreender o conflito de papéis social e familiar da mulher de hoje e identificar a relação entre o conflito de papéis e o psiquismo feminino. Este estudo está relacionado apenas aos gêneros designados como masculino e feminino, para não prejudicar o direcionamento organizado da pesquisa e, portanto, seus resultados. Pela mesma razão, os temas machismo e feminismo não aparecem, a fim de evitar conceitos superficiais e tendenciosos. Concluiu-se que a personalidade depende do modo como a pessoa passa pelas fases do desenvolvimento psicosexual, mas, em relação aos conflitos de papéis, não ficou claro se é determinante, devido à influência social.

Palavras-chave: conflito de papéis; desigualdade de gêneros; saúde mental; histeria; psiquismo feminino.

Mariane Menezes Roldan - Mestra em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas (2022). Especialista em Neuropsicologia - (Conselho Federal de Psicologia, UNIARA, IPq HCFMUSP). Atua com elaboração de Laudos Psicológicos - Psicodiagnóstico e Avaliação Neuropsicológica. Docente do Curso de Psicologia da Universidade Católica de Santos. Link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/4874284085290425>

Helio Alves - Psicólogo. Doutor em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo-USP. Psicanalista pelo Instituto SEDES SAPIENTIAE-SP. Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUCAMP. Especialista em Psicoprofilaxia e Desenvolvimento- (Psicologia Preventiva), SEDES SAPIENTIAE-SP. Docente do Programa de Mestrado em Psicologia, Desenvolvimento e políticas públicas na Universidade Católica de Santos. Docente e supervisor do curso de graduação em Psicologia da Universidade Católica de Santos. Link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/4375051727191419>

ABSTRACT

Today's woman has gained her freedom, has a profession and has her own family, which includes an uninterrupted daily routine of caring for her private life and her children. The women of Sigmund Freud's time (1856-1939), who were called "hysterics", were so named because of their psychic conditions, which, after study and research, the author himself linked to repression. Today, although women have come a long way in their social and family achievements, they continue to suffer repressions imposed by their lifestyle, which can lead to role conflict. Remembering that her current role is chosen by her and taking into account that choices are unconscious, if a woman does not identify with her social and family roles, her mental health may be compromised. This is an exploratory bibliographical study, using the theoretical framework of Sigmund Freud, whose aims are to understand the conflict between the social and family roles of women today and to identify the relationship between role conflict and the female psyche. This study is concerned only with the genders designated as male and female, so as not to prejudice the organized direction of the research and, therefore, its results. For the same reason, the themes of machismo and feminism do not appear, in order to avoid superficial and biased concepts. It was concluded that personality depends on how a person passes through the stages of psychosexual development, but with regard to role conflicts, it is unclear whether this is a determining factor due to social influence.

Keywords: role conflict; gender inequality; mental health; hysteria; female psyche.



INTRODUÇÃO

O papel da mulher na história do Brasil

A documentação histórica que se dispõe é cheia de contradições e imprecisa; contudo, esses documentos (dos séculos XVI e XVII) são de grande importância, pois através deles podemos conceber a realidade que foi vista pelos europeus sobre a sociedade dos tupinambás encontrada no litoral brasileiro da época. Essa perspectiva, do século XV, segundo Raminelli (1997), é principalmente cristã e não considerava as diferenças culturais encontradas, tão distintas dos europeus, que julgavam com um estranhamento baseado em suas próprias culturas e valores. De acordo com Rocha (1906 apud ENGEL, 1997), até o final do século XVII, a mulher era vista como imperfeita, colocada como inferior ao homem socialmente, assim como as crianças e os escravos; eram impotentes e, também, ontologicamente inexistentes.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, acesso em 2022), os tupinambás foram os índios encontrados no Brasil em 1500 e estes viviam da pesca, da caça – atividades exercidas pelos homens, assim como a criação dos instrumentos, como os arcos e as flechas – e da agricultura, em que as mulheres cultivavam basicamente mandioca e tubérculos; exceto contudo, a preparação da terra para o plantio, feita por meio de queimadas, tarefa executada pelos homens. Deste modo, as atividades desses índios eram divididas por sexo. A visão europeia dos índios no descobrimento do Brasil, segundo Raminelli (1997), era de que as mulheres eram feras brutas, sem sentimentos.

Em 1571, uma índia caeté foi vista atirando uma criança no rio, devido ao seu choro insistente. Entre os tupinambás, as mulheres que ficavam grávidas dos inimigos, matavam e comiam o recém-nascido, e isto era visto como uma debilidade do sentimento materno.

Para Araújo (1997), no século XVI o estereótipo do bom modelo feminino de comportamento que se esperava das mulheres durante a colonização era ir à missa acompanhada dos pais, cercada de irmãos e criadas; nada podia fazer, exceto esperar que o belo rapaz fosse tivesse boas intenções, com a troca de olhares e a mocinha desviando o rosto rapidamente, com o coração aflito e desejo em brasa no corpo. Mas as coisas nem sempre ocorriam assim, muitas vezes, era difícil controlar o desejo feminino. O Estado e a Igreja, com suas rígidas leis em relação à vigilância dos pais, irmãos ou tutores, tinham o objetivo de abafar a sexualidade feminina, que se não fosse controlada, ameaçava o equilíbrio doméstico, a segurança e a ordem social.

A razão dessa repressão para o autor, se dava porque o homem “era superior” e, portanto, a autoridade. A mulher estava eternamente condenada a pagar pelo erro de Eva, que levou Adão ao pecado e tirou da humanidade a possibilidade de gozar do paraíso. De acordo com Almeida (1870 apud Araújo, 1997, p. 47), ainda era feita ligação entre a sexualidade feminina e feitiçaria ou bruxaria, pois acreditava-se que as mulheres, animais imperfeitos, eram propensas a receberem a influência de espíritos, com línguas traiçoeiras, trocavam com as amigas as lições sobre magia que aprenderam.



Ainda de acordo com autor, nos séculos XVI e XVII, a educação das meninas era bastante diferente dos meninos e nas matérias mais comuns, ministradas separadamente, limitavam-se ao mínimo. Apenas as que iriam para o convento aprendiam música e latim; as demais restringiam-se ao que interessava ao funcionamento do futuro lar. O destaque se dava em desenvolver habilidades na "arte" de prender maridos e filhos como por "encanto", sem que eles percebessem. O foco era aguçar o instinto feminino para sedução e encanto. A fim de evitar qualquer desvio de comportamento, as meninas casavam-se muito cedo, por volta dos 12 ou 13 anos, fase "perigosa" de descobertas e do início dos impulsos sexuais. Assim, uma forma segura de controle era o matrimônio, decidido pelo pai e com um homem que poderia ser bem mais velho do que a menina (dos 30 aos 70 anos). A mulher passava então a obedecer a seu marido, conforme cita Araújo (1997). No entanto, era escandalosa as demonstrações públicas de afeto e erotismo. O freio se dava porque o ato sexual era destinado única e exclusivamente para a procriação e tinham, essa obrigação, inclusive. A mulher deveria simular seu desejo e o marido estar atentos a esses sinais.

De acordo com Engel (1997), no fim do século XIX, muitas transformações aconteceram. Mudanças nas relações e estruturas de trabalho, complexificação dos espaços urbanos, a abolição da escravidão promovida pelas mãos da Princesa Isabel (Lei Áurea - 1888), o fim da Monarquia e a Proclamação da República (1889), sinalizava um novo tempo. Formulavam-se novas estratégias de disciplinarização e de repressão de mentes e corpos, sob uma nova ética no trabalho, novos padrões de moralidade para os comportamentos afetivos, sexuais e sociais.

O modelo de família burguesa entre os trabalhadores era o que deveria ser seguido. Com o fim da escravidão, o capitalismo se instaurava e o custo da reprodução do trabalho dependia da contribuição das mulheres através do seu trabalho doméstico. As mulheres pobres, dentro dos seus perfis sociais, eram vistas como uma ameaça à moral da nova sociedade que se formava. Segundo Soihet (1997), a medicina se baseava nas características biológicas femininas para atribuir um perfil próprio da mulher: a fragilidade, o recato, a emotividade, a maternidade e a submissão. Já o homem, tinha características como: a força física, o intelecto, a racionalidade, a autoridade e a sexualidade sem freios. As características atribuídas às mulheres eram suficientes para justificar que elas não exercessem sua sexualidade, pois não podia contaminar sua honra (visão moralista). E mesmo depois de casadas, sua sexualidade deveria se limitar à vida privada.

Segundo Fonseca (1997), no final do século XIX, surgem os cortiços em praticamente todas as cidades brasileiras.

Separar-se do marido, geralmente, significava ir para um novo alojamento como esses. Via-se como realidade a mulher sozinha, sem renda e sem família, ir de canto em canto atrás de um cômodo barato, senão gratuito. Ainda assim, os homens usavam esta prática para acusá-las de imoralidade e instabilidade. Ainda de acordo com Fonseca (1997), em meados do século XX, as guerras repetidas tiveram também seu efeito: os soldados saíam para a guerra e só voltavam anos depois. As mulheres não tinham outra alternativa a não ser trabalhar. Mesmo as mulheres que não eram “abandonadas” viam-se à procura, de alguma forma, a escapar da miséria que representava depender exclusivamente do marido, que não tinha estabilidade.

“A mulher pobre, cercada por uma moralidade oficial, completamente desligada de sua realidade, vivia entre a cruz e a espada. O salário minguado e regular do seu marido chegaria a suprir as necessidades domésticas só por um milagre. Mas a dona de casa, que tentava escapar à miséria por seu próprio trabalho, arriscava sofrer o peso da ‘mulher pública’”. Fonseca (1997, p. 516).



Nesse sentido, de acordo com a autora, ao invés de ser admirada como mulher trabalhadora, tinha que se defender contra a poluição moral e o assédio sexual. Apesar de em muitos casos a mulher trazer o sustento principal da casa, o trabalho feminino continuava a ser visto como um mero suplemento à renda masculina. Não faltam exemplos de trabalho feminino como: lavadeira, cartomante e ama-de-leite. Seu trabalho era minimizado em conceitos gerais como “serviços domésticos” e “trabalho honesto”. De acordo com Rago (1997), nas primeiras décadas do século XX, grande parte do proletariado é constituído por mulheres e crianças e são vários os artigos da imprensa operária que denunciam as condições de trabalho de exploração e o assédio sexual dos patrões, ou outros operários em posições superiores, sobre as operárias.

As mulheres participaram de várias greves e mobilizações (1890-1930), mas sempre foram vistas como mocinhas frágeis e infelizes. As trabalhadoras eram percebidas de vários modos: “frágeis e infelizes pelos jornalistas, perigosas e ‘indesejáveis’ para patrões, passivas e inconscientes para os militantes políticos, perdidas e ‘degeneradas’ para médicos e juristas”. Rago (1997, p. 579, grifo da autora). Ainda segundo a autora, as trabalhadoras foram progressivamente sendo retiradas (expulsas) das fábricas, apesar do número elevado de operários, ao mesmo tempo em que os homens eram incorporados à força de trabalho. As barreiras enfrentadas pelas mulheres eram muito grandes, independentemente da classe social a qual pertencessem. Da variação salarial à intimidação física

da desqualificação intelectual ao assédio sexual, elas tiveram sempre que lutar contra inúmeros obstáculos para ingressar em um campo definido como “naturalmente masculino”.



Essas dificuldades e obstáculos não diziam respeito somente ao âmbito do trabalho, segundo Rago (1997), mas iniciava pela hostilidade com que o trabalho feminino fora do lar era visto no interior da família. Os pais desejavam que a filha encontrasse um (bom) marido para casar e assegurar o futuro, e isso confrontava as aspirações de trabalhar fora e obter êxito em suas profissões.

De acordo com Engel (1997) entre os séculos XIX e XX consolidava-se a medicalização da loucura, transformando-a em doença mental e os alienistas detinham o saber sobre ela, que era monopolizado por ele. A mulher era vista como

um ser ambíguo, misterioso e imprevisível cujo corpo e sexualidade eram espaço por excelência da loucura e, deste modo, a mulher estaria mais próxima da loucura do que o homem. Tal afirmação não nos deve levar à concepção de que a mulher era vítima do preconceito da psiquiatria, que era mais explorada, mais discriminada e mais sofredora do que o homem, isso fortaleceria a concepção de inferioridade da mulher cujo teor a psiquiatria se baseava. Se quisermos abandonar essa concepção preconceituosa, é preciso que se abandone tais afirmações para que compreendamos que as diferenças de gêneros têm significados e devem ser investigados, nos diversos âmbitos: social, religioso, cultural etc.

A psiquiatria era um importante instrumento de controle social, comprometida com as políticas públicas vigentes, áreas de intervenção de estratégias normatizadoras.

“Reconhecendo ou negando a existência do desejo e do prazer na mulher, os alienistas estabeleciam uma íntima associação entre as perturbações psíquicas e os distúrbios da sexualidade em quase todos os tipos de doença mental. Detenhamo-nos na análise de um dos exemplos mais expressivos nesse sentido: a histeria”.

Engel (1997, p. 342).

A histeria estaria ligada, portanto, à essência feminina e seria um mal provocado pelo útero e, portanto, pela sexualidade feminina. Reforçava-se também o fato de a histeria estar ligada às qualidades inerentes à mulher, como sensibilidade e afetividade. Nessa época as mulheres históricas já eram submetidas à hipnose, consagrada pelo renomado médico Charcot e, de acordo com

Rocha (1906 apud ENGEL, 1997), estas só “deveriam ser hipnotizadas na presença de uma testemunha”, pois como a tendência dessas mulheres era mentir e caluniar, era uma forma de evitar acusações, como, por exemplo, de atentado ao pudor. Segundo Engel, em caso de a mulher se recusar a tal imposição, era preferível o médico negar a prática ao colocar sua reputação em risco. Ainda de acordo com a autora, as sessões de hipnose realizadas pelos médicos, eram desprendidas de qualquer preocupação com a ética, pois tal prática costumava ser realizada no teatro da Salpêtrière, em Paris, com acesso público à homens, escritores e artistas, e caracterizada pelo sofrimento e violência infringida a essas mulheres em nome da ciência.

Em 06 de maio de 1856, em Freiberg (pequena cidade da atual Tchecoslováquia), na Morávia (antigo Império Austríaco, atual República Checa), nascia Sigmund Freud. Alguns anos mais tarde, aos 4 anos de idade, Freud mudou-se com a família para Viena onde, aos 17 anos de idade, iniciou e concluiu seus estudos na Universidade de Medicina.

As descobertas espetaculares através da prática de hipnose de Charcot, chegaram ao conhecimento de Freud que conseguiu uma bolsa para estagiar com o médico francês de setembro de 1885 até fevereiro de 1886. “Sobretudo, dois aspectos impressionavam a Freud: a existência da histeria em homens e a observação da dissociação da mente, induzida pela hipnose” (Zimerman, 1999, p. 22).

De acordo com Zimerman (1999), por não acreditar nos métodos empregados pelos médicos e partindo do princípio de que a neurose era causada por traumas sexuais acontecidos na infância por homens mais velhos, inclusive os pais, Freud decidiu usar a hipnose com suas pacientes histéricas. Assim, após algumas dessas experiências, Freud convenceu Breuer a publicarem o trabalho desenvolvido com a hipnose chamado “Comunicação Preliminar”, publicado em 1893, tornando-se este o primeiro capítulo do livro de ambos: “Estudos sobre a histeria”. Como Freud direcionava os estudos para a sexualidade da criança e Breuer ainda estava traumatizado com o caso da gravidez imaginada por “Ana O.”, este se afastou definitivamente da parceria que tinha com Freud, que continuou na nova ciência sozinho, enfrentando desdenhas e críticas dos seus colegas. Para Freud (1920/2011), logo se verificou que a hipnose trazia resultados limitados. Havia a remissão dos sintomas na catarse, durante o transe hipnótico, mas isso dependia da relação do paciente com o médico e nem todas as pessoas podiam ser hipnotizadas; por essas razões e, de acordo com Zimerman (1999), além de se descobrir um mau hipnotizador, Freud abandona a técnica definitivamente.



Desenvolvimento Psicosexual, Complexo de Édipo e Personalidade

As etapas aqui descritas aparecerão na ordem cronológica em que apareceram nos estudos de psicanálise para melhor compreensão do leitor. Contudo, Zimerman (1999) afirma que se sabe que o desenvolvimento infantil não ocorre de modo linear; essas etapas interagem entre si, se superpõem e se transformam. O que realmente importa são as marcas que essas fases do desenvolvimento deixam no psiquismo humano as quais Freud nomeou de pontos de fixação e que o indivíduo poderá regredir, ou seja, fazer um movimento de regressão. Essas situações serão determinantes da personalidade do sujeito.

“Assim, é bem conhecido o fato de que todos os afetos primitivos sofrem sucessivas ‘transformações’ psíquicas, que ficam presentes ou representados no inconsciente, constituindo ‘pontos de fixação’, os quais funcionam como um pólo imantado e, tal como faz um eletroímã, atraem para si a representação de novas repressões de fantasias e de experiências emocionais” (ZIMERMAN, 1999, p. 92).

A psicanálise vê que o comportamento que o indivíduo tem diante de seus objetos de amor ou sexuais é central no desenvolvimento da personalidade e caráter do ser humano. Daí, segundo Reis (1984), a necessidade de compreender o desenvolvimento psicosexual do ser humano para a compreensão do caráter. Nesse sentido, Freud dizia que os objetos sexuais de uma pessoa se modificam de modo sucessivo. Contudo, não é somente pela obtenção de satisfação que tal transformação ocorre, mas pelo modo variado como o indivíduo tem relação com

seu objeto sexual. Assim, Freud estabeleceu três fases que demonstram os aspectos fundamentais das relações com esses objetos sexuais. São elas:

Fase Oral

No desenvolvimento psicosexual, o primeiro momento é caracterizado pela fase oral, quando o prazer está relacionado à excitação da boca, lábios, língua e regiões próximas da cavidade oral. O objeto de satisfação é o seio da mãe, com o qual o bebê estabelece uma relação determinada pela sucção. Essa atividade, que é usada para obtenção de satisfação dos impulsos sexuais orais, visa do objeto amado, a introjeção.

Uma das características mais marcantes da personalidade oral de uma pessoa é a certeza de possuir tudo aquilo que vê como necessário para sobreviver. Para Reis, são indivíduos extremamente otimistas e ingênuos que têm a convicção de que tudo ocorrerá bem. Acredita em um protetor que cuidará dele e espera por isso, lhe provendo tudo o que precisará na vida. Seria um representante ou substituto do seio materno.

Esta posição do indivíduo faz com que não realize esforço algum e falha em ocupações reais para ganhar a vida. "Otimismo, generosidade, despreocupação, desprezo pela realidade e confiança cega no futuro constituem os traços desse caráter" (REIS, 1984, p. 29).

Fase Anal

A fase anal se refere não apenas à libidinização das mucosas excretórias de evacuação e micção, mas assim como a oral, que se refere às áreas próximas à cavidade oral, a anal também está limitada com as respectivas fantasias. As fantasias que permeiam a fase anal, dizem respeito à agressão contra os pais (ou forma de presenteá-los); controle (onipotência); culpa; vergonha ou mesmo com valor simbólico das fezes ou da urina (“obra” sua).

A necessidade que algumas pessoas têm de limpeza excessiva, que pode ser confundida com ordem doméstica, é característica marcante desse caráter. Funciona, nesse caso, como uma “formação reativa tipicamente anal” (exagero de um traço de caráter); incluindo intolerância à assimetria, tendo necessidade extrema pela ordem das coisas. É possível também, de acordo com Reis (1984), no sentido de economia sem sentido (avareza) ser observada no hábito de possuir e guardar coisas, exigir para si o que recusa no outro, falta de generosidade, por exemplo, especialmente em pequenos objetos ou pequenos valores. A avareza pode estar caracterizada pela economia de palavras, inclusive, devido ao medo de se mostrar ao outro. Um outro exemplo prático é, num restaurante, uma pessoa fazer questão de dividir uma conta igualmente, levando em consideração os centavos.



Fase Fálica

A terceira fase do desenvolvimento psicosssexual, com base em Zimerman (1999), também é considerada como “fase edípica”. O conceito inicial de Freud nos mostra que, até certa idade, as crianças fazem uma suposição de que existem os sexos masculinos e femininos nas pessoas. O falo, na antiguidade greco-romana representa simbolicamente “poder”, concentrado no órgão sexual masculino, o pênis. Por outro lado, a expressão “edípica” está relacionada aos desejos de crianças de ambos os sexos, que cheios de fantasias dirigem-se aos pais no triângulo edípico (aos pais do sexo oposto ao da criança).

A passagem da fase anal para a fase fálica não ocorre de modo espontâneo, mas quando a criança percebe que precisa abandonar seu objeto de prazer, as fezes, pois agora a concepção é de que é uma coisa suja ou feia (caca). Esse abandono só pode ser efetivado se a pessoa que cuida da criança, ou a mãe, se mostra como uma figura amável, capaz de substituir o objeto de satisfação para a criança, que antes eram as fezes.

A fixação na fase fálica (no encerramento da fase anal), segundo Reis, está relacionada com o caráter fálico, indica que o indivíduo não superou a fase narcísica e não atingiu a posição libidinal objetual. Como pontua Reis, “a concentração do orgulho no próprio falo revela-se, assim, como uma concentração orgulhosa do próprio Ego” (REIS, 1984, p. 35), Assim, a ameaça ao falo (o pênis que é capaz de realizar tudo) é ameaça à integridade do Ego.

Deste modo há, de certa forma, a substituição do Ego pelo Falo. Segundo Reis, pessoas com esse caráter (ou com fixação na fase fálica), tendem a transformar a agressão em ações produtivas socialmente, têm características de serem empreendedores enérgicos e produtivos.



Complexo de Édipo

O complexo de Édipo representa um papel essencial organizador para a formação da personalidade. O complexo de Édipo é o drama vivido pela criança entre o terceiro e quinto ano de vida, segundo Reis. Na fase fálica, há uma transferência do interesse do Ego para o Falo, o segundo passa, então a representar o primeiro. Agora, as pulsões sexuais, antes orais e anais, se agregam e se concentram na função genital. A mãe é vista, agora, como um objeto de satisfação geral, contudo, neste momento, no ápice do desenvolvimento das relações libidinais entre criança e mãe, vem junto a desilusão. A mãe se revela inteira e como

mulher (a mãe sadia), ou seja, uma pessoa que busca em outra pessoa um amor genital, situação a qual a criança não pode fazer parte. É a proibição do incesto, denominado por Freud. Essa proibição não pode vir da mãe, mas para a criança, deve vir daquele que desempenha a função de pai, não necessariamente o pai biológico, mas com a função psicológica da proibição.

A criança então, não se conforma com tal proibição, gerando um conflito psíquico entre proibição e desejo. Deste modo, a criança procura eliminar seu rival gerando o desejo de matar o pai, só que diante da proibição do incesto há um fracasso nesse desejo. O pai, então, aparece como sendo mais poderoso do que o falo poderoso e, com medo, a criança se vê obrigada a renunciar seus desejos libidinais pela mãe e conformar-se com a realidade.

Período de latência

O final do complexo de Édipo, segundo Reis (1984), acontece com o início da formação do Superego, que é a internalização do que é visto como a proibição paterna, deste modo o Superego de cada pessoa é formado baseado no modelo que vem do Superego dos próprios pais.

A internalização das proibições, ainda segundo o autor, abafa o período de efervescência erótica da fase pré-édipica; esse período é inaugurado pela atividade do Superego e é denominado período de latência. Nessa fase, os impulsos sexuais ficam atenuados e retornarão na

adolescência com toda a força, momento em que o menino e a menina procuram uma relação genital com o sexo oposto. É importante ressaltar que no período de latência, os impulsos sexuais são recalçados ou sublimados, em atividades produtivas socialmente. Esses impulsos poderão retornar mais tarde de modo não esperado socialmente, do ponto de vista moral ou ético, no adulto. São nesses casos que aparecem os quadros neuróticos ou o surgimento de um caráter reativo. Por outro lado, de acordo com Reis, quando os impulsos são sublimados, os indivíduos se tornam capazes de serem autores de progresso social.

O fim do narcisismo na vida infantil, segundo o autor, cessa com a superação do complexo de Édipo. Agora, o sujeito é capaz de abrir-se para o mundo em busca da autorrealização e apto a amar outra pessoa sem dominação e pode, então, atingir seu amor objetal.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa exploratória bibliográfica realizada com material publicado, como livros, artigos científicos, dissertações e teses, os quais serviram como base teórica para o trabalho realizado. A pesquisa exploratória torna possível obter maior familiaridade com o problema, tornando-o mais claro e definido, segundo (GIL, 2022). Deste modo, para a coleta dos dados, inicialmente foi feito um levantamento de artigos científicos, teses e dissertações de universidades públicas no Estado de São Paulo, contudo, diante do pouco material disponível sobre o

tema à época, apenas foi encontrado, na área de psicologia, na Universidade de São Paulo (USP): uma tese (doutorado) e um artigo científico; na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP): uma dissertação (mestrado); na Universidade Federal de Santa Catarina: um artigo científico. Todo o material encontrado utilizado nesta pesquisa compreende o período entre 2005 e 2014.



A primeira parte da pesquisa é fundamentalmente histórica, para melhor compreensão do papel da mulher na história do Brasil, deixando-se para a segunda parte a análise e correlação com construto teórico psicanalítico conforme Sigmund Freud (1856-1939).

Resultados e discussão

A distinção primeira que se faz entre os seres humanos, segundo Freud (1933), é “macho e fêmea”. Os dois sexos desenvolveram órgãos com funções sexuais e a ciência atenta para o fato de que algumas partes do aparelho sexual masculino são encontradas também no corpo da fêmea, mesmo que atrofiado, e o mesmo acontece no corpo do macho. Assim, se faz necessário se familiarizar com o fato de que existe uma proporção em que masculino e feminino se misturam. De acordo com o Freud (1933), a distinção não é psicológica e, quando falam “masculino”, normalmente se relaciona ao “ativo” e o “feminino” ao passivo. Se pensar que a célula sexual masculina se desloca ativamente ao encontro da célula sexual feminina, o óvulo, então, aguarda imóvel e passivo a esse encontro. Essa ideia acaba se tornando um “modelo” de comportamento, de acordo com Freud (1933), ou seja, “o macho persegue a fêmea para fins de união sexual, agarra-a, e a penetra. Mas com isso vocês reduzem, quando à psicologia, o caráter masculino ao fator da agressividade” (FREUD, 1933/2011, p. 266).

Pode-se dizer que, segundo Freud (1933), para a mulher, a preferência passiva, que ocorre derivando de seu papel na função sexual, ocorrerá menos ou mais intensamente de acordo com uma situação de vida. Muitas vezes, é necessário para a mulher uma posição “ativa” para alcançar uma meta “passiva”. Não se pode, contudo, ignorar a influência cultural e a organização social que “empurra” a mulher para situações passivas.

No entanto, a supressão de agressividade na mulher na sociedade, facilita os impulsos masoquistas que, como vimos, tende a fazer ligação (erótica-sexual) destrutivas voltadas para dentro, assim, o masoquismo é realmente feminino. Nos homens com tendência masoquista, encontram-se traços femininos. De acordo com Muszkat (2011), existe um modo de pensar baseado no ideal tradicional dos gêneros que aparece como os papéis e funções de homens e mulheres em relação à trabalho, vida sexual, vida conjugal etc. Aparece também que os motivos das dificuldades de homens e mulheres é atribuída ao outro, revelando uma tendência em acreditar que não são, na verdade, sujeitos de suas próprias experiências. Sentem-se injustiçados, vítimas e o mau aparece externo ao indivíduo.

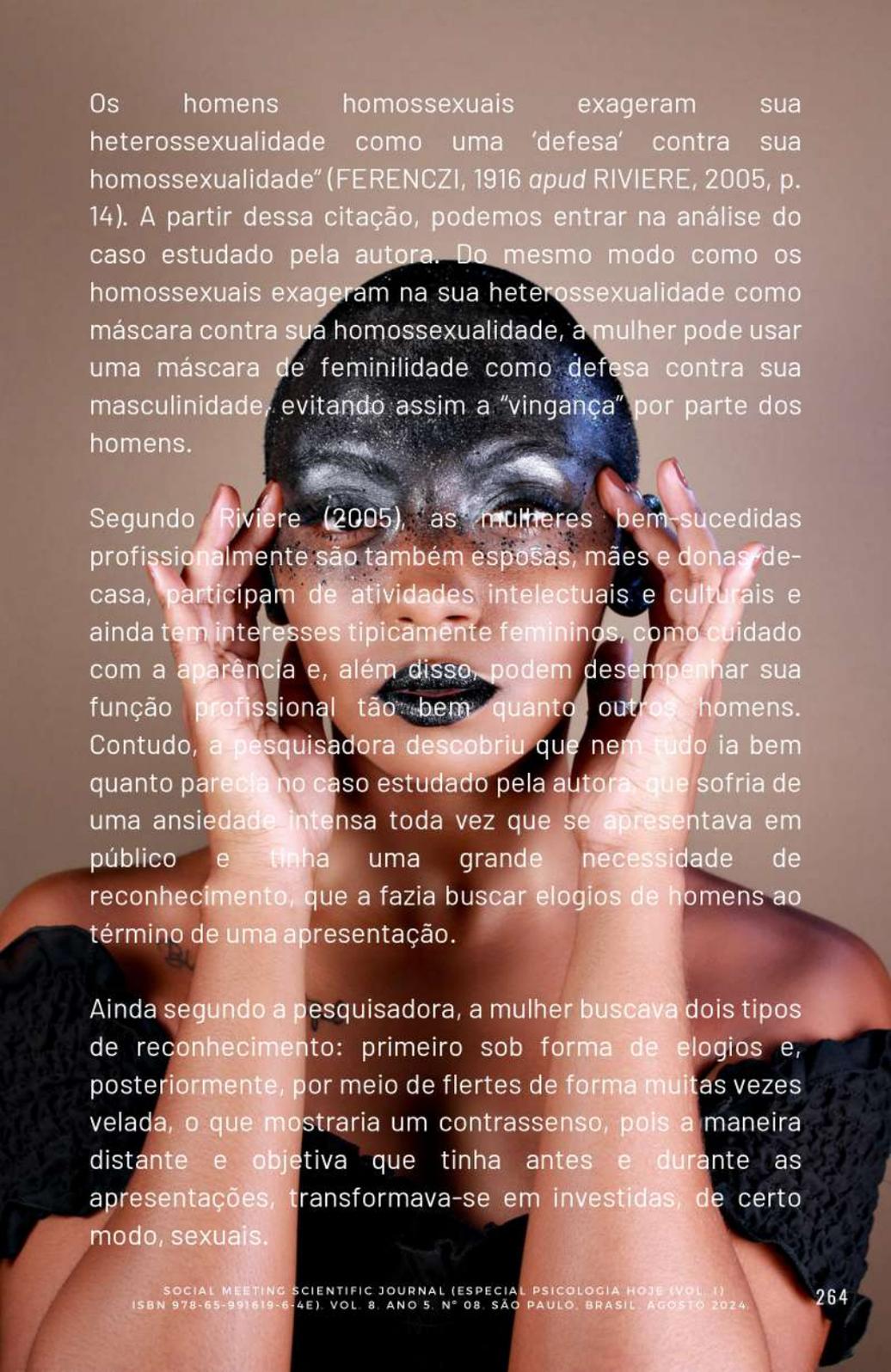
No caso de violência doméstica contra a mulher, por exemplo, ainda de acordo com a autora, tratar apenas o polo feminino, perpetua e reforça a ideia de que a mulher é frágil e incapaz de cuidar da própria história, a desresponsabilizando sobre suas escolhas e sobre sua capacidade de mudança. Deste modo, acabam sendo reforçadas as diferenças do modelo de relações de gênero.

Segundo Kehl (1996), há uma certa irritação nas mulheres quando falam das exigências das tarefas com os filhos. A autora conta de quatro casos de mulheres que parecem terem desistido de serem mãe-esposas-responsáveis pelo lar, e femininas. Um dos seus casos, uma mulher deixou de trabalhar quando foi mãe já que, nesse caso, o marido tinha

condições de arcar sozinho com as despesas da casa; ao mesmo tempo, lhe agradava a ideia de se dedicar somente aos filhos. Contudo, mesmo estando alegre ao esperar o marido chegar do trabalho, algo a incomodava pelo fato de ter a sensação de estar vivendo apenas para esperar a morte, já que se via em uma situação sem aparentes conflitos e tensões. A autora cita, nesse caso, que esperar o marido chegar do trabalho, a colocava em uma situação de reviver a infância, quando esperava seu pai chegar do trabalho. Deste modo, o espaço doméstico, segundo a autora, pode configurar um espaço onde parece impossível ser um lugar em que a mulher seja plenamente mulher, embora possa parecer o contrário. As tarefas domésticas ou com os filhos, podem ser tão repetitivos quando fazer parte de uma linha de montagem de qualquer fábrica. Trabalho em que a mulher pode sacrificar sua própria identidade, uma vez que a exigência do papel de mãe a obriga estar inteira ali, em horas ininterruptas, com carga de afetividade intensa. Perdendo sua identidade, faz com que ela queira estar em outro lugar, qualquer um que não seja o espaço doméstico.



Por outro lado, a pesquisa de Riviere (2005), conta sobre o caso de uma mulher americana, intelectual, bem-sucedida profissionalmente e que também desempenhava o papel de mãe, esposa e dona-de-casa, que sofria de uma ansiedade por reconhecimento após suas apresentações em público.



Os homens homossexuais exageram sua heterossexualidade como uma 'defesa' contra sua homossexualidade" (FERENCZI, 1916 *apud* RIVIERE, 2005, p. 14). A partir dessa citação, podemos entrar na análise do caso estudado pela autora. Do mesmo modo como os homossexuais exageram na sua heterossexualidade como máscara contra sua homossexualidade, a mulher pode usar uma máscara de feminilidade como defesa contra sua masculinidade, evitando assim a "vingança" por parte dos homens.

Segundo Riviere (2005), as mulheres bem-sucedidas profissionalmente são também esposas, mães e donas de casa, participam de atividades intelectuais e culturais e ainda tem interesses tipicamente femininos, como cuidado com a aparência e, além disso, podem desempenhar sua função profissional tão bem quanto outros homens. Contudo, a pesquisadora descobriu que nem tudo ia bem quanto parecia no caso estudado pela autora, que sofria de uma ansiedade intensa toda vez que se apresentava em público e tinha uma grande necessidade de reconhecimento, que a fazia buscar elogios de homens ao término de uma apresentação.

Ainda segundo a pesquisadora, a mulher buscava dois tipos de reconhecimento: primeiro sob forma de elogios e, posteriormente, por meio de flertes de forma muitas vezes velada, o que mostraria um contrassenso, pois a maneira distante e objetiva que tinha antes e durante as apresentações, transformava-se em investidas, de certo modo, sexuais.

Na análise de Riviere (2005), a rivalidade edípica com a mãe era marcante e nunca superada. Seu trabalho baseava-se na identificação com o pai, contudo, ainda apresentava também rivalidade com o pai; sua adolescência era evidente a revolta e desprezo por ele. Deste modo, ela mantinha uma postura de rivalidade com as “figuras paternas” e evitava a ideia de ser criticada ou julgada e, assim, tinha necessidade do reconhecimento dos homens. Entretanto, sua apreensão e rivalidade com os homens eram disfarçados em forma de feminilidade, assumia-se como mulher publicamente.



De acordo com a autora, as manifestações da paciente eram inconscientes e só puderam ser percebidas por ela mediante análise. Era uma tentativa inconsciente de evitar a situação de ansiedade que poderia surgir após reconhecimento negativo de seu desempenho por parte das figuras paternas. A paciente tinha medo da impotência do mesmo modo que um homem, ou seja, apresentava manifestações do complexo de castração.

Um outro caso da autora é referente a uma professora universitária, também americana, competente, mãe, dona-de-casa, que escolhe roupas marcadamente femininas tendo um comportamento diante dos colegas inadequado: zombeteira e irreverente, chegando a ser alvo de comentários. Ela não consegue tratar a si mesma com seriedade e em igualdade com os homens, pois não consegue expor sua masculinidade sem ser por meio de um “jogo”. Sua atitude irreverente denota, além disso, sadismo e por isso incomoda os demais. De acordo com Muszkat (2008), a construção da identidade se dá com a introjeção dos valores e interdições transmitidos pela cultura e família, interagindo constantemente com eles para isso. Quando o sujeito confronta com sua impotência real diante das demandas que lhe são impostas, com um referencial de masculinidade, este momento é então vivido como fracasso e sentimento de inferioridade.

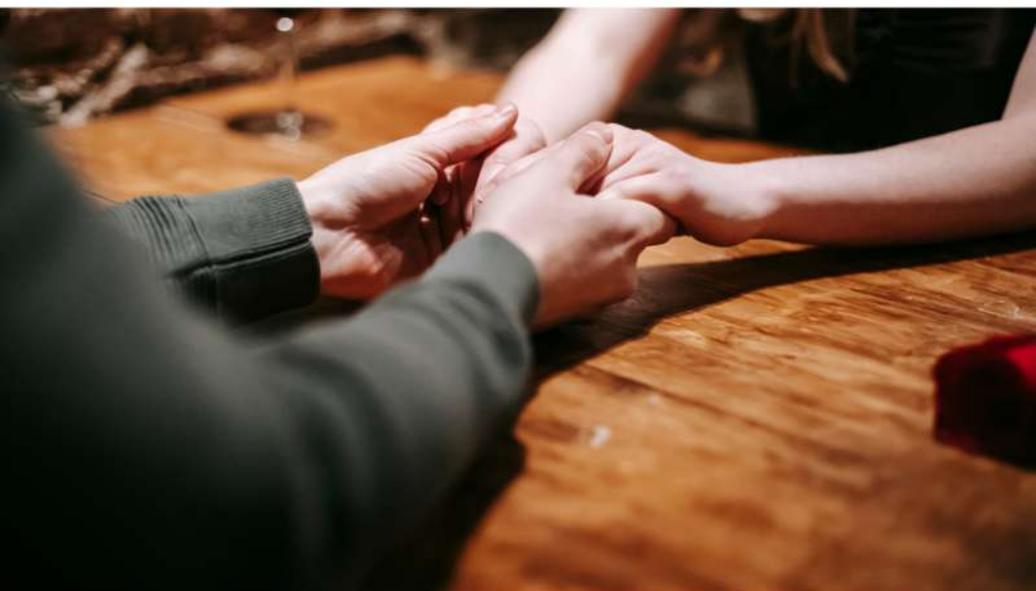
A fixação na fase Oral do desenvolvimento psicosssexual, traz como personalidade uma pessoa que tem certeza de possuir tudo aquilo que é necessário à sua sobrevivência, são pessoas ingênuas e otimistas e que acreditam em um protetor que cuidará dele e espera por isso; tem a convicção que tudo ficará bem (representante do seio materno); confiança cega no futuro e desprezo pela realidade. A fixação na fase Anal traz como característica de personalidade pessoas com intolerância à assimetria, avareza sem sentido, que guarda coisas como hábito, apresenta medo de se mostrar para o outro. Além disso, pode-se exemplificar como uma pessoa que faz questão de

dividir uma conta levando em consideração os centavos; A fixação na fase Fálica, traz um indivíduo que faz esforço por realização pessoal dentro de um caráter paranoide fechado (desconfiança quanto às pessoas em geral); sente-se constantemente ameaçado (ansiedade de castração) e, assim, é frequente defender-se atacando, antecipadamente, qualquer situação de ameaça, imaginada ou real.

O Complexo de Édipo é caracterizado pelo destronamento do narcisismo e, portanto, responsável pela descoberta da impotência pelo indivíduo; este descobre que nem tudo pode. É nessa base que se instalará o protótipo das normas e leis futuras; se não ocorreu a superação dessa fase, a complicação se apresenta no modo como essa pessoa, com personalidade narcísica, lidará com suas relações, pois saber que nem tudo podemos é de suma importância para vivermos em sociedade, nas relações pessoais e de trabalho; uma personalidade narcísica tem como característica pessoas independentes, que não se deixam intimidar; O Ego, nesse caso, dispõe de uma considerável carga de agressividade que se converte em uma disponibilidade para ação, preferem amar a serem amadas e impressionam pela personalidade forte, além de poder apresentar inflexibilidade.

A fixação ou não superação do período de latência, como nas outras fases, também influencia no caráter de um indivíduo; Nessa fase percebe-se a impotência (diante da proibição do incesto) e dominando seu narcisismo, a pessoa é capaz de futuramente fazer escolhas verdadeiras de

objeto de amor, assim, apta a amar o outro, poderá estender seus sentimentos aos conjuntos de elementos que está em seu meio social; a fixação no período de latência, traz prejuízos nas escolhas do objeto de amor influenciando seus sentimentos em relação a todos os elementos presentes no meio social.



Assim, sobre o desenvolvimento psicosssexual, com a superação, não-superação, fixação ou regressão à alguma fase, pôde-se inferir que este é determinante na formação da personalidade de uma pessoa. Entretanto, em relação ao conflito de papéis, não ficou claro se a fixação em alguma fase é determinante para que o conflito ocorra.

Deste modo, podemos compreender o porquê de nem todas as mulheres sofrerem com o conflito de papéis. Vendo essas diferenças, no que se refere ao desenvolvimento psicosssexual, pode-se compreender o

o porquê de algumas mulheres se submeterem às pressões morais (podem se encontrar em conflitos, portanto, desencadeando situações que geram ansiedade) e outras que não sentem os conflitos (não se submetem às imposições sociais - podendo ser consideradas transgressoras) ou, ainda, lidam com os conflitos de maneira mais assertiva. Podemos inferir com os autores e, após uma análise deste estudo, que a posição diante dos papéis social e familiar da mulher é individual, complexo e o modo como esta mulher passou pelas fases do desenvolvimento psicosssexual é determinante para a formação da sua personalidade e suas relações dependerão disso, assim como no homem; mas parece inadequado não considerar a influência social.

Considerações finais

Pôde-se inferir, a partir dos textos dos autores e, pesquisando sobre a história do Brasil, que a mulher sempre fora pressionada a se submeter a uma sociedade repressora e culpabilizadora, o que levou ao estudo da histeria; desse modo, foi possível compreender não somente sobre os conflitos de papéis, social e familiar da mulher de hoje, mas também que esse conflito tem relação com o psiquismo feminino, objetivos desta pesquisa.

Foi visto que as fixações nas fases do desenvolvimento psicosssexual é determinante para a formação da personalidade da mulher e, em alguns casos, pode contaminar sua identidade. Entretanto, ainda não ficou

claro se a fixação em alguma fase do desenvolvimento psicosssexual é, de fato, determinante no conflito de papéis, hipótese levantada nesta pesquisa; pois o modo como se passa por essas fases, como fica representado no psiquismo do sujeito e o acompanham por toda a vida, tomarão menor ou maior destaque conforme o indivíduo de relaciona e vive determinadas situações, pois não se pode excluir a influência social nos conflitos pessoais. Muitas situações cercadas de preconceito e desigualdade, acabam prejudicando a colocação e até o tempo que a mulher permanece no mercado de trabalho, principalmente quando são mães. Assim, as respostas poderão ser individuais; para saber com mais segurança sobre a influência do desenvolvimento psicosssexual no conflito de papéis, a sugestão seria que se realizasse um ou mais estudos de caso.

Este estudo trouxe a possibilidade de compreender que a história da mulher no Brasil é cheia de ambiguidades e pressões contrárias às suas vontades. Por isso, percebe-se a relevância social deste trabalho, uma vez que este estudo não está direcionado a uma pessoa ou a uma parcela da população, mas refere-se a um perfil da nossa sociedade, embora alguns casos tenham sido analisados para melhor compreensão da teoria psicanalítica. Compreendeu-se que a ansiedade, sentida pelo indivíduo no conflito de papéis e nas situações reais ou imaginadas, é enfrentada pelo psiquismo de modo a aliviar a tensão gerada fazendo uso (inconsciente) dos mecanismos de defesa, como a negação e a racionalização.

O objetivo dos mecanismos de defesa é proteger o Ego, pode trazer prejuízos nos relacionamentos e para a saúde mental da mulher.

A ansiedade contínua (gerada pelos conflitos) pode ser uma das causas do risco de depressão ser maior nas mulheres casadas do que nos homens casados e essas taxas, segundo a autora, se tornam mais evidentes quando as mulheres se tornam mães.

Cita ainda a autora sobre a importância do diagnóstico e tratamento precoce dos problemas mentais que não são de alto custo financeiro, mas que podem se mostrar como um grande desafio. A complicação se dá quando, sem tratamento, os problemas continuam e a saúde mental permanece em risco de modo progressivo. Ressalta a autora, que existem evidências de que doenças como Alzheimer e Parkinson são iniciadas devido aos distúrbios de ansiedade na idade adulta. Nesse ponto, pode-se perceber a relevância científica desta pesquisa e a importância da continuidade desse estudo no que diz respeito a prevenção dessas e de outras doenças mentais nas mulheres. Daí a importância da psicoterapia preventiva no autoconhecimento: tornar consciente o que está inconsciente e compreender que este inconsciente se manifesta na personalidade e nos comportamentos diários. Tomando conhecimento do que rege as atitudes do ser humano torna-se possível trabalhar por mudanças e por adaptações, para melhorar o convívio social, a qualidade de vida, rumo à busca da felicidade.

Referências

- ARAÚJO, E. A Arte da Sedução: Sexualidade Feminina na Colônia. In: DEL PRIORI, M. (org.). História das Mulheres do Brasil. São Paulo: Contexto, 1997, p. 45-77.
- ENGEL, M. Psiquiatria e Feminilidade. In: DEL PRIORI, M. (org.). História das Mulheres do Brasil. São Paulo: Contexto, 1997, p. 322-361.
- FONSECA, C. Ser Mulher, Mãe e Pobre. In: DEL PRIORI, Mary (org.). História das Mulheres do Brasil. São Paulo: Contexto, 1997, p. 510-553.
- FREUD, S. O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, S. O Mal-Estar da Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e outros textos (1903-1936). São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- FREUD, S. Psicologia das Massas e Análise do Eu e outros textos (1920-1923). São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2022.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTATÍSTICA E GEOGRAFIA (IBGE). Território Brasileiro de povoamento: História Indígena. Disponível em: <http://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/historia-indigena/modos-de-vida-dos-tupinamba-ou-tupis>. Acesso: março de 2022.
- KEHL, M. R. A mínima diferença: o masculino e o feminino na cultura. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- MUSZKAT, S. Violência e Masculinidade. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.
- MUSZKAT, S. Desamparo e violência de gênero: Uma formulação. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0101-31062008000200023&script=sci_arttext. Acesso: abril de 2014.
- RAGO, M. Trabalho Feminino e Sexualidade. In: DEL PRIORI, M. (org.). História das Mulheres do Brasil. São Paulo: Contexto, 1997, p. 578-606.
- RAMINELLI, R. Eva Tupinambá. In: DEL PRIORI, M. (org.). História das Mulheres do Brasil. São Paulo: Contexto, 1997, p. 11-44.

- REIS, A. O. A. Teorias da Personalidade em Freud. In: RAPPAPORT, Clara R. (org.). Teorias da Personalidade em Freud, Reich e Jung. São Paulo: EPU, 1984, p. 03-60.
- RIVIERE, J. A Feminilidade como Máscara. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psyche/v9n16/v9n16a02.pdf>. Acesso: abril de 2022.
- SOIHET, R. Mulheres Pobres e Violência no Brasil Urbano. In: DEL PRIORI, M. (org.). História das Mulheres do Brasil. São Paulo: Contexto, 1997, p. 362-399.
- ZIMMERMAN, D. E. Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed, 1999.



CIÊNCIA + JOVEM



[2024]

Todos os direitos desta edição reservados à ©eSocial Brasil

Rua México, 156 - 121

Pitangueiras - Guarujá SP - 11410-350

www.socialmeeting.info

contato@socialmeeting.info